

## **O uso da linguagem no filme O Mestre na relação de um líder com os seus liderados.**

Gessica Yukari SHONO<sup>1</sup>  
Nickolas Mayer RIEGER<sup>2</sup>  
Thalitta Cristine CORONA<sup>3</sup>  
Leonardo FERRARI<sup>4</sup>  
Universidade Positivo, Curitiba, PR

### **Resumo**

O presente artigo analisa a relação entre líder e liderado no contexto de cultos religiosos. Para tanto, procurou-se fundamentar essa análise por meio de referência documental de autores que tratam sobre as necessidades que levam o indivíduo à filiação de grupos sociais. No objeto de estudo, o filme “O Mestre”, buscou-se comparar o culto religioso nele retratado, conhecido como “A Causa”, com um culto religioso existente, a Cientologia. Ao observar a relação entre líder e liderado presente no objeto, concluiu-se que as motivações que levam um indivíduo à filiação não estão diretamente relacionadas com o discurso do líder, mas sim com a interpretação inconsciente do liderado e como o mesmo busca ora solucionar ora mascarar problemas internos por meio da imagem do líder, mesmo que este manifeste ideais infundados sob um discurso cientificamente verossímil.

**Palavras-chave:** líder, liderado, culto, filiação, cientologia.

### **Introdução**

No contexto de grupos sociais, observa-se que a relação entre o líder e os seus liderados é algo que desempenha um papel fundamental na edificação e consagração do grupo. A unidade conceitual é representada pelo líder e seus ideais, os quais são fomentados e proliferados por meio dos seguidores. Logo, existe dentro dos grupos sociais uma relação de interdependência, uma vez que o líder só existe quando existem liderados e vice versa.

Neste trabalho, analisa-se essa relação entre o líder e o liderado, por meio da análise documental do objeto de estudo aqui retratado, o filme “O Mestre”, realizado em 2012 com roteiro e direção de Paul Thomas Anderson. Na obra, destaca-se o culto religioso retratado,

---

<sup>1</sup> Graduado pelo Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo, email: [yukashono@gmail.com](mailto:yukashono@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo, email: [nickolasmr@hotmail.com](mailto:nickolasmr@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduado pelo Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo, email: [thalittacristine@hotmail.com](mailto:thalittacristine@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Positivo, email: [leoferrari08@gmail.com](mailto:leoferrari08@gmail.com)

denominado “A Causa” e liderado por Lancaster Dodd, intitulado no filme como o Mestre, cuja relação com o protagonista do filme, o ex-fuzileiro Freddie Quell, pretende-se aqui analisar.

Logo se pergunta, quais são as necessidades e motivações que levam um indivíduo a se filiar a um grupo social?

Com o intuito de solucionar essa questão, o presente artigo foi estruturado de tal maneira: Primeiramente são reunidas ideias e conceitos de diversos autores como referência para a análise documental, em seguida compara-se o culto retratado no objeto de estudo com outra organização religiosa existente, conhecida como a Cientologia, criada por L. Ron Hubbard, cujas semelhanças são percebidas por meio de suas ideias, crenças e práticas, e por fim são analisadas quatro cenas fundamentais para a compreensão do objeto de estudo, além de corroborar a solução da questão aqui apresentada sobre as motivações que tornam um indivíduo em liderado.

### **Liderança, poder e o indivíduo**

Freud (2010<sup>1</sup>) demonstra que o fenômeno religioso, além de uma manifestação cultural, pode ser visto também como causa para a alienação, superstição e imaginação das pessoas. Isso denota a capacidade que a influência religiosa tem de exercer manipulação no indivíduo. O autor mostra também que as pessoas podem se submeter voluntariamente a esse tipo de manipulação, pois suas crenças religiosas os fazem acreditar no improvável.

Aprofundando-se mais no tema “liderança e poder”, Faria e Meneguetti (2011) apontam que o poder se manifesta em classes sociais, categorias sociais e grupos socialmente organizados e, por sua vez, não se manifesta em grupos legalmente formalizados. Compreende-se então que o poder de persuasão e/ou manipulação que um líder detém sobre seus liderados advém da unidade de seu grupo, sendo este intencionalmente formado pelos seus integrantes.

Sigmund Freud (1920-1923), explica que ao se tratar de psicologia das massas, deve-se pensar no indivíduo como pertencente a um grupo, seja este uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição ou uma aglomeração e que se estrutura em busca de determinado intuito. Ou seja, para que uma massa se forme é necessário que os membros possuam um denominador comum, um interesse mútuo em determinado objeto, uma afetividade compartilhada e, como resultado, um grau de influência de um sobre os outros.

O objeto de estudo desse artigo retrata exatamente essa situação da massa, pois a grande maioria dos fiéis integrados à “Causa” são pessoas que já foram, em algum sentido, previamente debilitadas. Ou seja, o denominador comum dos seguidores do culto retratado no filme seria a presença de obstáculos na vida, sejam atuais ou antigos, os quais precisavam ser superados e estes passam convencidos de que por meio da Causa descobririam ora a sua salvação, ora o seu refúgio.

Desta maneira, Burt Nanus (1995) afirma que para reunir seguidores é necessário que as pessoas sintam que seus anseios e desejos sejam percebidos e atendidos de maneira que resultem no alcance de seus objetivos. Logo cabe ao líder esta responsabilidade perceptiva de estimular cada um de seus liderados. Os autores Kouzes e Posner (1987) fazem a seguinte observação a este respeito:

Os líderes encontram aquele elo colorido do sistema. Eles buscam o consenso decisivo entre seus liderados e, para isso, passam a compreender profundamente os cantos escuros, acatando sutis insinuações. Eles farejam o ar, observam os semplantes, sentem o que as pessoas querem, valorizam e sonham. (KOUZES e POSNER. 1987, p. 115)

Os líderes, portanto, conciliam seus discursos com aquilo que constatarem em seu público e, por meio disto, conseguem a atenção e lealdade destes. Para Burt Nanus (1995), há três ferramentas principais para que isto ocorra, a comunicação, a formação de redes e esta busca do indivíduo em ter seus objetivos realizados.

Freud (1920-1923) aponta ainda o quão impulsiva, volúvel e excitável é a massa. Ao acrescentar que a mesma é crédula, acrítica e que segue um poder como uma forma de se encaixar na sociedade, o autor, a respeito dessa relação do indivíduo com a massa, afirma:

[...] Por um momento ela se colocou no lugar de toda a sociedade humana, a portadora da autoridade, cujos castigos a pessoa teme, e em nome da qual se impôs tantas inibições. É claramente perigoso estar em oposição à massa; sente-se mais segurança ao seguir exemplo que aparece ao redor, até mesmo “uivando com os lobos” eventualmente. (FREUD, 1920 - 1923, p.26).

Logo, o autor denota que a necessidade do indivíduo de pertencer a algo, de buscar o “amor” de outrem, é justamente o que traz a massificação das religiões, em que todos ali são amados e guardados por seu líder e encontram naquele grupo segurança.

Outra maneira de observar o objeto de estudo por meio da perspectiva da psicanálise é a análise do discurso. De acordo com Eni P. Orlandi (2003), uma das precursoras do

assunto no país, o sujeito não possui controle de como a mensagem recebida o afeta, pois dependerá de sua relação com a realidade da língua e da história. Assim, o indivíduo é movido pelo seu inconsciente e pela ideologia. Para a autora, mesmo as palavras mais simples de nosso dia a dia carregam consigo sentidos que não sabemos como se formaram, mas que detém um significado em nós e para nós.

A análise do discurso vê o mesmo como algo sempre ligado a condicionamentos linguísticos ou determinações históricas, o que é visto como um efeito de sentidos entre locutores. A este respeito, Orlandi (2003) comenta:

[...] Diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentido e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2003, p.20)

Assim, ao estabelecer um paralelo entre este conceito e ações realizadas pelo líder religioso no filme, observa-se que um indivíduo ao desejar cativar seu público, não está apenas trocando informações, ele está gerando sentidos em sua platéia, o que pode ser algo explícito ou implícito. Afinal, ao se considerar a questão histórica, todos de certa forma possuem um âmagio em comum, como por exemplo, um desafio a ser superado ou algo a ser esquecido, o que permite ao líder explorar a significação e interpretação do seu discurso por parte de seus receptores, de maneira que estes sejam estimulados de maneira mais eficiente, ou seja, mais condizente com as motivações de cada um.

O autor Lawrence Wright (2013) dissecou a história, desenvolvimento e características principais da organização religiosa conhecida como Cientologia, a qual ensina aos seus adeptos como principais fundamentos:

A verdade é aquilo que é verdade para você. Ninguém tem o direito de lhe impor dados, nem de lhe ordenar que acredite sob pena de ser castigado. Se não for verdade para você, não é verdade. Pense por si, aceite o que for verdade para você, descarte o resto. Não há nada mais deplorável que alguém que tenta viver em meio a um caos de mentiras. (WRIGHT, 2013, p.18).

A partir da observação de Wright (2013), são claras as semelhanças entre “A Causa” e a Cientologia, como a presença de um líder carismático e persuasivo que guia o desenvolvimento, o constante crescimento dos seus seguidores e os ensinamentos e crenças presentes em ambos os cultos.

O líder da Cientologia L. Ron Hubbard e, no filme, o líder de “A Causa” Lancaster Dodd, usam a linguagem e o seu poder persuasivo para trazer mais seguidores para seus cultos religiosos, o que é um dos pontos principais analisados no livro de Lawrence Wright (2013). Ou seja, de que maneira os seguidores deram a tais líderes status legendários e inspiradores, além de uma imagem que se alastrou aumentando a escala de seus cultos tanto físico como espiritualmente.

Lawrence Wright (2013) demonstra as características mais básicas da Cientologia sobre como ocorre a abordagem em não-adeptos, algo que ele denomina como o “exercício de disseminação” em quatro passos.

O primeiro passo é fazer contato, [...]. O segundo consiste em desarmar qualquer antagonismo que o indivíduo possa mostrar contra a Cientologia. Feito isso, a tarefa é “descobrir a ruína”, ou seja, o problema que mais oprime a mente do recruta em potencial. [...] A quarta etapa é convencer a pessoa de que a Cientologia tem a resposta. “Assim que o indivíduo toma consciência da ruína, você o faz compreender que a Cientologia pode lidar com esse mal”, escreve Hubbard. (WRIGHT, 2013, p.19).

Sobre esse terceiro passo, é interessante destacar que tanto o filme como o livro trazem histórias semelhantes a respeito um homem que após sofrer uma sucessão de turbulências em sua vida, se sente desgovernado e sem rumo. É então que com o primeiro contato com a organização religiosa, o indivíduo é submetido ao que Wright (2013) chama de um “exame de estresse” gratuito.

A partir do quarto e último passo do “exercício de disseminação” para os não-adeptos, o indivíduo é direcionado para o serviço que melhor puder o guiar. Assim, um recruta em potencial se transforma oficialmente em um Cientologista.

A semelhança com que “A Causa” e a Cientologia levam um não-adepto, cético aos ideais dessas organizações, ao total comprometimento para com a causa destas, é um processo persuasivo e fortemente corroborado, senão completamente dependente, das figuras presentes na liderança desses movimentos.

L. Ron Hubbard, líder da Cientologia, assim como Lancaster Dodd, líder da “Causa” no filme “O Mestre”, partilham diversas semelhanças quanto a sua abordagem, o seu carisma e o seu caráter memorável. Observa-se tanto no livro de Lawrence Wright (2013) como no filme do diretor Paul Thomas Anderson (2012), que tais líderes não dispunham de uma imagem tal qual a de um profeta como Maomé ou Jesus. Além disso, nenhum destes alegavam ter algum contato superior ou uma revelação advinda de figuras divinas para dar credibilidade às suas obras.

O que se destaca em ambas estas personalidades é que estes fundamentam suas ideias em pesquisas. Lancaster Dodd e L. Ron Hubbard atribuíam a veracidade de suas obras às diversas viagens e experiências que estes tiveram ao longo de suas vidas. Isso se observa quando estes se apresentam. No filme “O Mestre”, Lancaster Dodd se diz um escritor, doutor, físico nuclear e um filósofo teórico.

Lawrence Wright (2013) denota que, atualmente, considera-se que existam três camadas relativas aos adeptos à Cientologia. A primeira camada diz respeito a pessoas que tiveram um contato inicial com a organização religiosa, porém não seguiram um caminho de maior aprofundamento na religião. A segunda camada seria composta por pessoas com um papel fundamental na sustentação e arrecadação financeira assim como no aumento do interesse de outras pessoas a se juntarem à Cientologia. Atualmente, observa-se uma presença de celebridades atuantes em Hollywood nessa camada da Cientologia, como demonstrado pelo autor, o que corrobora com o propósito de essa camada ter um papel fundamental em atrair novos adeptos, uma vez que a popularidade dessas personalidades possui uma característica global e abrangente. A terceira camada, no entanto, é considerada o “clero” da Cientologia. Aqui estão presentes apenas os indivíduos que foram os primeiros adeptos da organização. Muitos desses fazem parte da Cientologia desde que nasceram e possuem contratos vitalícios com o culto, sacrificando a sua educação e suas escolhas para o bem da organização. Entre os cientólogos, essa camada é conhecida como “A Organização do Mar”. Esse nome é dado devido ao fato de que os integrantes dessa camada terem feito parte da tripulação que acompanhou L. Ron Hubbard quando ele administrava sua igreja em alto mar durante os primeiros anos da Cientologia.

O filme “O Mestre” retrata esse período em questão, demonstrando o momento em que essa “Organização do Mar”, a terceira camada da Cientologia, encontrava-se em seu auge, quando no filme os adeptos à “Causa” se encontram navegando com Lancaster Dodd em alto mar. É nesse mesmo local que se dá o encontro dos protagonistas do filme, o que demonstra mais uma forte semelhança entre ambas as organizações religiosas.

## **Metodologia**

Para buscar aprofundamento no material, as cenas que destacamos para estudo são quatro, as quais retratam a evolução do personagem do começo ao fim do objeto de estudo. A primeira se passa logo no início do longa-metragem: Trata-se de uma entrevista de

dispensa militar após o término da Segunda Guerra Mundial entre, Freddie Quell, o protagonista até então fuzileiro, e o seu oficial. A segunda cena que trabalharemos é situada durante a parte marítima do filme a bordo da navegação da “Causa”, liderada por Lancaster Dodd, onde é demonstrada a abordagem que o culto faz com o indivíduo para identificar os problemas que o atormentam e, assim, o persuadir a acreditar que o culto em questão detém a resposta para estes, tal como é feito pela igreja da Cientologia com o intuito de multiplicar seus seguidores. Na terceira cena será destacada a relação íntima entre líder e liderado no objeto de estudo, Lancaster Dodd e Freddie Quell, respectivamente, demonstrando o quanto esse relacionamento evoluiu, o que significou para cada um e o que essa experiência resultou na concepção do protagonista. A quarta, por sua vez, se trata dos instantes finais do filme, onde são reveladas as verdadeiras motivações internas do protagonista, as quais serão analisadas e justificadas sob a ótica de Freud.

### **Análise das Cenas**

Logo no início do Objeto de Estudo, são exibidas cenas onde o protagonista do filme, Freddie Quell, aproveita os seus últimos dias como um fuzileiro da recém terminada Segunda Guerra Mundial, nas praias do Oceano Pacífico. Em uma dessas cenas, Quell é chamado para uma entrevista de dispensa militar com o seu oficial. O superior o questiona sobre dois episódios marcantes durante o seu período de serviço militar. O primeiro se trata de uma crise de choro que Freddie tivera, a qual ele nega, justificando esse fato como decorrente de uma carta que ele recebera, a qual lhe causou uma reação “nostálgica”. Quando questionado se o remetente dessa carta era uma paixão antiga do soldado, o mesmo se mostra confuso e atordoado, acabando por se esquivar da pergunta. O segundo episódio é descrito pelo oficial superior como uma “visão de sua mãe” que Freddie tivera, o qual prontamente o corrige, alegando ter sido um sonho, no qual ele conta que estava com seus pais em sua antiga moradia, sentados à mesa rindo e confraternizando, o que o mesmo conta com dificuldade, exibindo um claro abalo emocional ao tratar desse assunto. Tais informações trazidas pelo oficial demonstram uma clara carência afetiva e, especialmente, familiar do protagonista do filme Freddie Quell, o qual apenas expõe sua faceta mais humana e menos animalesca quando tratando destes assuntos ao longo do filme, os quais atuam, por sua vez, como um gatilho para a manifestação do inconsciente do protagonista.



[quadro 1 / cena 1]

[quadro 2 / cena 1]

Sobre o terceiro passo do “exercício de disseminação” citado anteriormente, esse procedimento é representado no filme pela cena em que Freddie Quell tem um de seus primeiros contatos particulares com Lancaster Dodd nos cômodos do barco. Após confraternizarem brevemente, Dodd propõe a Quell algo que ele chama de “avaliação informal”, a qual consistia em um teste de várias perguntas consecutivas, onde o questionado deveria responder as perguntas de imediato e sem piscar durante o máximo de tempo aturável. Em um primeiro instante, Freddie evita se concentrar, demorando a responder ou se esquivando das perguntas, o que leva Dodd a insultá-lo e denegri-lo quando Freddie começa rir, o que Dodd chama de “o som de um animal”. Este é o primeiro instante do filme que Lancaster Dodd começa a demonstrar a sua percepção sobre o protagonista do filme. Dodd vê Freddie como um animal, uma criatura perdida, assustada e violenta a qual ele insiste em tentar não apenas domar, mas também domesticar. Ao longo do filme fica claro que Dodd vê Freddie como um experimento, o qual se for bem sucedido, corrobora fortemente para os ideais proferidos pelo Mestre em seu culto.



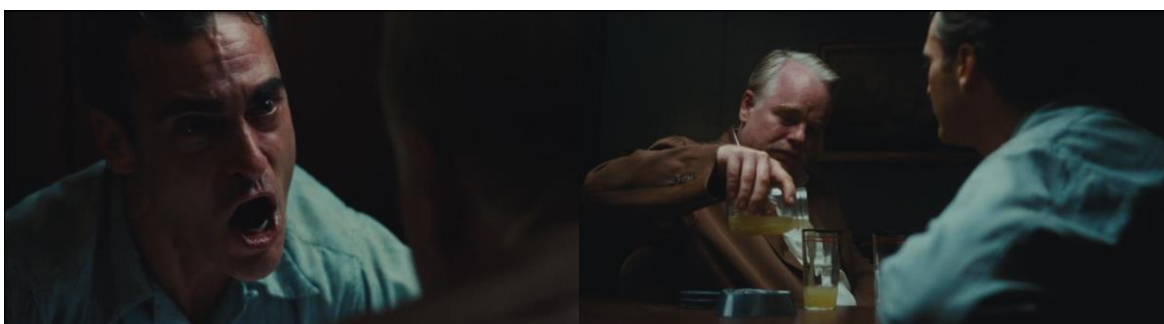
[quadro 1 / cena 2]

[quadro 2 / cena 2]

Freddie passa a se submeter mais profundamente ao teste, começando a se incomodar com a sua própria incapacidade de realizá-lo, o que o leva a admitir uma postura cada vez mais primitiva e belicosa. Com isso, as suas respostas passam a se alterar e ele



passa a revelar diversas informações sobre o seu passado, como a verdade sobre seus pais ora mortos ou enlouquecidos, também sobre ter cometido relações sexuais com um de seus familiares, mas o que realmente se destaca é a revelação de uma paixão existente no âmago de Quell, uma memória de um relacionamento frustrado que antes fora a luz de sua vida. Nesse momento, é revelado ao espectador que a dita “ruína” de Freddie Quell é este relacionamento problemático com o qual ele teve com uma menina mais jovem antes de participar da Segunda Guerra Mundial. Observa-se então, que tanto o “exame de estresse” como a “avaliação informal” levam ao mesmo objetivo: Achar a “ruína”.



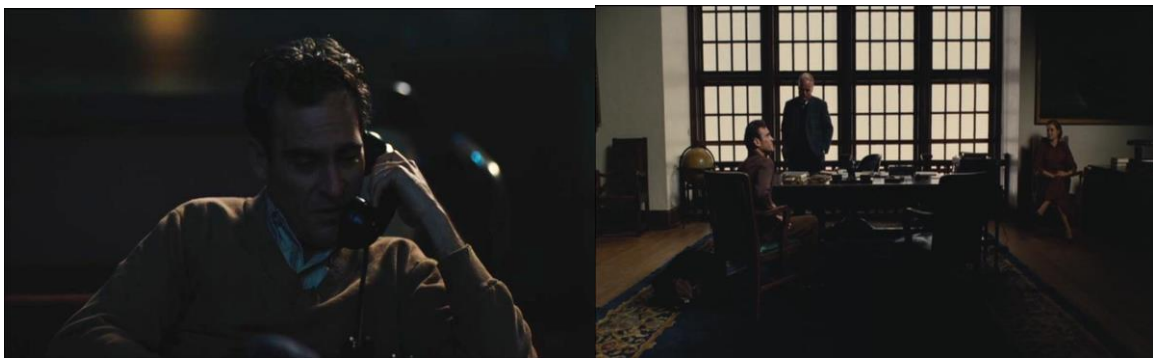
[quadro 3 / cena 2]

[quadro 4 / cena 2]

Ao longo do filme, Freddie passa a buscar o desenvolvimento do seu relacionamento paterno, embora consideravelmente sinuoso, com Lancaster Dodd, O Mestre da Causa. Ao mesmo tempo, o protagonista começa a perceber que os ideais, os ensinamentos e os objetivos de Dodd não eram tão persuasivos e convictos como era ele como pessoa. Freddie passa a discernir o fato da fantasia e percebe que ao considerar Dodd como mais que um líder, mas como uma figura paterna, este o colocou em um pedestal alto demais para ser questionado, feito o qual logo começa a se desmoronar conforme Quell começa a observar o quão vazios, infundados e, acima de tudo, improvisados eram os discursos e proferições do suposto “Mestre”.

Eventualmente, mestre e discípulos se separam em função das discrepâncias que um tem para com o outro. No entanto, após um certo período em que retorna à solidão, Quell persiste em sentir a falta do seu companheiro, líder e figura paterna, o seu “Mestre”, Lancaster Dodd. Nesse momento, o filme retrata uma cena, a qual pode ser interpretada como um sonho do protagonista, no qual ele se encontra dormindo sozinho em uma poltrona de uma sala de cinema, onde se supõe que um filme infantil esteja sendo exibido.

Repentinamente, um funcionário do estabelecimento o traz um telefone, afirmando que Quell recebera um telefonema. Freddie atende a ligação e descobre que o autor da ligação era de fato Lancaster Dodd, o qual se mostra carinhoso e saudoso durante a conversa, requerendo que Quell o visitasse. Tivesse este momento sido uma manifestação inconsciente do protagonista ou não, Quell confirma que embora já não veja Dodd como um líder, ele ainda o considera como um pai, o que o leva a atender o seu pedido. Porém, ao se reencontrarem, Freddie logo percebe que apesar de tudo, Dodd ainda o vê como um experimento e um animal a ser domesticado, cuja função é um meio de comprovar a eficácia de seu método e, conseqüentemente, de sua Causa. Tal constatação o frustra e, embora ambos partilhem um último momento amistoso juntos, Freddie demonstra certo alívio, levando a crer que essa revelação o trouxe maior compreensão sobre si mesmo do que sobre Dodd.



[quadro 1 / cena 3]

[quadro 2 / cena 3]

Nos instantes finais do filme, é possível observar a transformação sofrida pelo protagonista: antes um ex-soldado traumatizado pelos horrores da guerra e, até antes disso, uma vítima de abandono familiar, que mascarava sua carência afetiva por meio de atitudes belicosas e primitivas, denotando um comportamento animal e instintivo, que agora começa a demonstrar maior autocontrole e uma maior facilidade em se envolver emocionalmente. Observa-se Freddie Quell trocando olhares com uma dama em um bar, o que logo se sucede em ambos trocando carícias em uma cama, Freddie tenta realizar de maneira descontraída a “avaliação informal” antes vivida por ele por meio de Lancaster Dodd, o que mostra o aprendizado que ele teve sobre a vida, sobre as pessoas e, acima de tudo, sobre si mesmo. O filme, por sua vez, se encerra ao retomar a um momento que fora retratado no início do mesmo: Freddie deitado ao lado da escultura de areia de uma mulher nas praias do Oceano Pacífico, mas, desta vez, ele não simula um coito com a escultura como anteriormente, ele

se apóia nela em um gesto de carinho e abrigo. É possível analisar que o protagonista agora já não é a mesma pessoa que ele antes fora, Freddie Quell se tornou um homem mais pacífico e compreensivo sobre a sua situação. Quell passa a aceitar o fato de ele ser uma pessoa carente de afeto e carinho familiar. Assim, este deixa de lutar contra si e contra outrem e agora se encontra de braços abertos para a vida que ele decidir viver.



[quadro 1 / cena 4]



[quadro 2 / cena 4]

## 5 Conclusão

Líderes sempre existirão e, por sua vez, liderados também sempre coexistirão. Sempre haverão pessoas que buscam seguir os ideais que acreditam, seja por meio da religião, da arte ou da política, sempre existirá um símbolo proeminente: O líder.

Um líder tende a ser alguém que possua motivação, convicção e determinação para concretizar seus objetivos, mas isso não significa que os mesmos possuam sempre um caráter moralmente e/ou eticamente aceitáveis. Os ideais propostos por um líder tendem a ser promissores e sedutores, mas isso não significa que os meios para executá-los também sejam. Eis a questão, portanto, do porquê de os liderados evitarem questionar essas dúvidas, a qual se justifica, com base nas ideias dos autores antes relatados, que muitas vezes o que leva um indivíduo a se submeter ao poder de outro é o fato de utilizá-lo como um meio de mascarar e/ou substituir frustrações e sentimentos reprimidos que atormentam a sua convivência, de forma que os liderados deixem de tratar o líder como um farol que os guia, mas como uma figura de abrigo, uma figura paterna.

Essa percepção que é passada aos seguidores acaba por ser muitas vezes ensinada de maneira técnica e cientificamente verossímil, o que justifica práticas e títulos de certos cultos como a Cientologia aqui discutida, uma vez que mesmo etimologicamente isso se comprova, pois “Cientologia” poderia se compreender como um “estudo da ciência” ou um

“estudo científico”. Ao destacar que atualmente é observado um período no qual o senso comum se ampara cada vez mais na ciência do que na religião, o uso de métodos científicos na pregação de ideais soa como uma alternativa mais persuasiva, portanto, eficiente na abordagem de novos adeptos.

Assim, à guisa de conclusão, observou-se que o uso da linguagem na relação entre líder e liderado não qualifica o discurso do líder como o fator preponderante para a persuasão de novos adeptos. É a interpretação inconsciente do indivíduo perante o discurso e a imagem do líder que atua como elemento decisivo na filiação de grupos sociais, no caso do objeto de estudo, um culto religioso. Ao buscar solucionar seus problemas, o indivíduo se ampara na figura do outro, nesse caso, na figura do líder, onde ele se sente seguro e protegido de si e de outrem. Dessa forma, essa sensibilidade perceptiva do líder em identificar as nuances emocionais e inconscientes que motivam seus liderados, sabendo tecê-las e manipulá-las, é o que o qualifica como um líder eficiente, uma vez que este cria uma percepção da sua imagem tão elevada que esta se prolifera entre seus liderados de maneira adorada e inquestionável. Ao atingir esse patamar, o líder se torna mais que um indivíduo, o líder se torna um ícone.

## Referências

FARIA, José Henrique de; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. **Liderança e organizações**. 2011. Revista de Psicologia. Disponível em:

<[http://www.revistapsicologia.ufc.br/index.php?option=com\\_content&id=93%3Alideranca-e-organizacoes&Itemid=54&limitstart=2](http://www.revistapsicologia.ufc.br/index.php?option=com_content&id=93%3Alideranca-e-organizacoes&Itemid=54&limitstart=2)> . Acesso em Abril de 2014.

<sup>1</sup>FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: Coleção L&M Pocket. 2010.

<sup>2</sup>FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: Coleção L&M Pocket. 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** – Obras completas volume 15. São Paulo: Companhia das Letras. (1920-1923). Tradução: Paulo César de Souza.

KOUZES, J.M.; POSNER, B.Z. **O Desafio da liderança**: Como conseguir feitos extraordinários em organizações. Rio de Janeiro: Campus. 1987

NANUS, Burt. **Liderança visionária**: como planejar o futuro da sua empresa. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

WRIGHT, Lawrence. **Going Clear** – Scientology, Hollywood, and the Prison of Belief. Nova Iorque: Albert A. Knopf. 2013.